

V!RUS

revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175-974X
CC BY-NC

a cidade e os outros
the city and the others
SEM1 2013

A CRISE DAS CIDADES E DA GESTÃO MUNICIPAL: O QUE OBSTRUI AS MUDANÇAS NECESSÁRIAS?

JOSEP PONT VIDAL

Josep Pont Vidal possui Graduação e Mestrado Universidade de Bielefeld (Alemanha). Doutor Sociologia Política na Universidade de Barcelona. Professor do Núcleo de Altos estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenador do "Grupo de Análise de Políticas Públicas e Governança da Amazônia". Áreas pesquisa: Sociologia das organizações, Políticas Públicas, Métodos e Técnicas de Pesquisa".

Como citar esse texto: VIDAL, J. P. A CRISE DAS CIDADES E DA GESTÃO MUNICIPAL: O QUE OBSTRUI AS MUDANÇAS NECESSÁRIAS? **VIRUS**, São Carlos, n. 9 [online], 2013. Traduzido do Espanhol por Luis R. C. Ribeiro. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus09/secs/carpet/virus_09_carpet_48_pt.pdf>. [Acessado em: dd m ano].

Crise da cidade e da gestão: contribuições interdisciplinares

A crise atual abarca todos os âmbitos das sociedades ocidentais e pode ser diagnosticada a partir de várias perspectivas (MORIN, 2011; TOURAINÉ, 2000; GIDDENS, 2000). Isso afeta também a gestão, o planejamento participativo e o modelo de sustentabilidade (Brown, 2009; Diamond, 2005). No caso do Brasil, o modelo urbano e a gestão de municípios não estão isentos de crítica, incluindo-se a de uma gestão urbana pública "arcaica e ineficiente" (Observatório Metrópolis, ano III, n. 472, 2013/06/02), com relação tanto aos modelos quanto sua gestão e administração. Áreas de conhecimento como a sociologia, ciência política, antropologia ou psicologia têm abordado o fenômeno urbano para

diagnosticar a crise atual manifesta em comportamentos, padrões, conflitos, práticas e interações que ocorrem no contexto urbano.

É possível mudar esse cenário de crise urbana por meio da implantação de políticas públicas dirigidas e da introdução de modelos de gestão mais profissional e transparente? Nós achamos que sim, apesar de não entrarem em um problema mais profundo, do qual iremos tratar. Se levarmos a lei da reciprocidade em conta, as políticas públicas são uma parte fundamental da crise do urbano; falta, no entanto, a análise da outra parte. Este artigo irá abordar a crise urbana a partir de uma perspectiva que vai além da análise tradicional das ciências humanas e sociais no nível macro para descer a uma perspectiva de análise micro e subjetiva do significado da crise na consciência humana como a origem da crise planetária, a partir da colocação de uma série de questões que requerem futuros aprofundamentos. Ter essa perspectiva como ponto de partida é entender a crise em âmbito um muito maior, afetando nosso modo de vida, de consumo e de se relacionar e, por sua vez, entendê-la como uma oportunidade de mudança. Vejamos primeiro, de forma sucinta, como diferentes áreas sociais do conhecimento têm analisado os fenômenos urbanos.

Na sociologia, o espaço da cidade aparece como inabarcável e infinito enquanto objeto de uma análise que tenta compreender e dar conta da amplitude e complexidade do fenômeno. Essa ciência se especializou em subáreas do conhecimento tais como a sociologia urbana, que considera a cidade e das relações humanas existentes como objeto de estudo, basicamente a partir de uma perspectiva macro. As teorias "individuais" propostas por Georg Simmel e Louis Wirth se limitam à descrição do indivíduo imerso no ambiente urbano. As primeiras tentativas de análise da consciência no contexto social devem-se ao interacionismo simbólico e à obra de Herbert Mead, *Mind, Self, and Society* (1934) (Mente, indivíduo e sociedade). Peter Berger, em seu livro *O dossel sagrado* (1985), escreve: "Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo", indicando com isso que as instituições e os fenômenos sociais são, em última análise, causa e efeito da ação humana. As reflexões e análises subjetivistas da sociologia têm diagnosticado e exposto a crise subjetiva a

partir da reflexão da interação do sujeito com o entorno e a influência das estruturas externas, materiais ou simbólicas, no indivíduo como responsáveis pela crise, sem se aprofundar no significado e na relação entre o subjetivo e o espiritual.

A cidade nunca foi o foco da antropologia e poucas vezes esta área do conhecimento foi incluída em estudos interdisciplinares sobre o tema. Somente estudos antropológicos recentes propõem a análise das práticas em relação às formas urbanas constituídas por sujeitos (ECHANOVE e SRIVASTAVA, 2012). Ao proporem novas categorias de análise e ao desafiar os pressupostos tradicionais de "favela" e "cidade", essas contribuições estão longe de serem as visões apocalípticas de cidades populosas ou vastas favelas. Enfocam a observação de sistemas organizados interbairros e entre cidades que formam sistemas econômicos e culturais interligados, com base na organização espacial da "casa-instrumento" e em processos coletivos de autoconstrução de habitações e auto-organização.

A psicologia tem se preocupado com o fenômeno urbano desde a publicação da obra de Kevin Lynch (1960). Posteriormente tentou estabelecer um nexo a partir de uma perspectiva homem-entorno fundamentada em uma leitura espiritual (STOKOLS, 1990). Os psicólogos têm atribuído à psicanálise o estudo do comportamento baseado na tradição psicanalítica e, enfocando a análise da subjetividade. Para essa corrente, a subjetividade se configura principalmente no âmbito privado da família. A análise do comportamento do indivíduo no meio urbano ou na cidade, tal como esperam a deontologia dominante ou as normas sociais vigentes, recorre às relações familiares como causa e responsabiliza-as por seu comportamento. Este enfoque, que Michel Foucault (1988) chama de "paradigma do interior", prioriza conceitos tais como privado-casa-família e os contrapõe à matriz público-rua-sociedade. As novas tendências da psicologia social e a escola das representações sociais (MOSCOVICI, 1978; PECORA & SÁ, 2008) abriram-se à análise do indivíduo no entorno da cidade e do espaço público (Conselho Regional de Psicologia. Minas Gerais. III Seminário Psicologia Social em Ação Hierarquias e a Cidade: Práticas e Resistências. 2012) ao elegerem essas categorias como fundamentais para a compreensão do

comportamento individual e coletivo e seus determinantes. As propostas têm sido largamente restritas à observação do fenômeno no nível macro, com base na gestão de pessoas e na psicologia social. Essas áreas do conhecimento têm proporcionado respostas limitadas para a compreensão da relação entre o indivíduo e a crise do fenômeno urbano em sua amplitude, da qual a gestão é uma consequência. As áreas epistemológicas expostas têm-se limitado a diagnosticar a crise social e urbana, sem entrarem na análise subjetiva como causa da crise, ou se analisada sob essa perspectiva, estabelecendo um vínculo social, isentando-a da responsabilidade da consciência.

I. A crise como oportunidade

A crise que se evidencia na gestão das prefeituras, existente na maioria das prefeituras da Amazônia e do Brasil, pode ser abordada e compreendida a partir de outras perspectivas. Esta crise surge em um contexto de incertezas e "turbulências" globais. Todos os modelos hegemônicos que pareciam estar assegurados e resolvidos em termos de planejamento urbano, gestão pública e o Estado nas últimas décadas estão sendo desafiados, à medida que o diagnóstico feito no início dos anos 80 se desintegra a cada dia (KEANE, 1988). Aparecem questionamentos sobre a forma de gerir os municípios, sobre como reduzir o déficit e criar empregos e como administrar as constantes e crescentes demandas sociais por serviços de qualidade e participação. A crise abala as antigas estruturas em que os municípios são governados, com base em decisões, procedimentos ultrapassados e, portanto, concepções negativas.

A crise se manifesta em todas as esferas de nossa vida: econômica, cultural, política e participativa e como consequência dos modelos de administração e gestão. Jürgen Habermas indica a necessidade de enfocarmos a crise na subjetividade de quem passa por ela: "A crise não pode ser separada do ponto de vista de alguém que esta passando por ela; o paciente vivencia sua impotência frente à objetividade da doença somente porque ele é um sujeito condenado à passividade" (HABERMAS, 1973, p. 12). Essa declaração de Habermas atribui ao paciente resiliência, ou seja, a capacidade de reagir à adversidade da crise, deixando assim de ser um

sujeito passivo para tornar-se um sujeito ativo. No entanto, sua tese está limitada à capacidade de reação, sem entrar em questões como: Como a crise é compreendida? O que ela nos indica?

Para o psicoterapeuta de origem grega John Pierrakos, a crise deve ser entendida como uma oportunidade para começar a mudar; já que essas mudanças não podem ser concretizadas ou são obstruídas por interesses egoístas, imediatistas ou partidários. Se assim o forem, o resultado será uma crise maior e mais profunda que afetará todas as estruturas sociais. Não será possível chegar a um equilíbrio sem mudanças estruturais no âmago dos modelos até agora imperantes e hegemônicos de administração e gestão. Para Pierrakos (1970), quanto mais difícil e dolorosa a crise, mais a consciência dos cidadãos e seus representantes políticos do governo municipal deve impulsioná-la, a despeito das forças externas que tentam obstruir as mudanças necessárias.

II. A consciência como atributo do pensamento

O modelo de sociedade atual induz à passividade e a nos convertermos em meros espectadores, como o filósofo Peter Sloterdijk (2008), referindo-se aos valores e atitudes representados, afirmou: "vivemos em uma época de frivolidade". As formas como nosso pensamento se estrutura e como nos aproximamos do conhecimento não se encontram isentas dessa situação de passividade, conformismo e desarmonia. Todos nós estamos imersos de alguma forma nesse contexto e nessas situações que obstaculizam a reflexão e a autorreflexão, já que demandam um sobre-esforço individual e uma atenção especial, o que dificulta o princípio socrático "conhece-te a ti mesmo".

São cada vez mais os cidadãos os que formulam questões essenciais que têm a ver com as ações, com a sua vida quotidiana, a responsabilidade coletiva e os projetos coletivos em sua cidade ou município. Encontramo-nos em uma situação e com uma sensação de termos finalizado um período histórico, marcado por utopias e realidades, por revoluções, pela esperança e obscuridade, por teorias redentoras e seu fracasso, pela superação de velhos paradigmas de gestão e resolução de conflitos e o surgimento de

outros. Todas essas oportunidades e desafios não surgem repentinamente, mas se formam a partir de um processo de crise, de superação e, em consequência, de oportunidades. Ter a consciência disso é uma etapa importante.

A consciência é comumente associada ao "estar ciente de algo", o qual pode se tratar de algum fenômeno individual ou coletivo de responsabilidade pessoal frente a um obstáculo. Pode ser uma tomada de consciência sobre o meio ambiente, a exclusão social, a discriminação ou o sistema hegemônico de mercado a que todos nós estamos sujeitos. Pode-se também exibir uma "má consciência", com "sentimentos de culpa". Nessa situação, a consciência coincide em grande parte com o "superego", no sentido dado por Freud: o controle social interno de cada ser humano.

Apesar desses aspectos psicológicos, não nos referimos a "ter consciência de alguma coisa" ou à "má consciência" como uma falência de algum valor básico ou preceito moral. Da Grécia antiga à "biologia do conhecimento" (MATURANA, 2010), tem-se sublinhado, por um lado, que a consciência é uma qualidade da mente, enquanto que, por outro lado, várias escolas freudianas sugerem que a consciência é uma qualidade que faz parte da psique humana.

Na primeira linha de pensamento, muitos filósofos se aprofundaram e estabeleceram relações com atributos mentais do pensamento humano e espiritual. Manfred Frank (1991), ao tratar da autoconsciência e autoconhecimento, apresenta a relação entre a consciência e a autoconsciência e o autoconhecimento, enquanto Ernst Bloch ([1949] 2005) se referiu à "consciência fenomenal", que é a experiência propriamente dita e a "consciência de acesso." Com isso, ele deu um passo explicativo sobre como processamos as coisas que vivenciamos durante a experiência e por meio do autoconhecimento. Com base nesses pensamentos, os cidadãos podem ser livres e crerem-se livres em áreas em que a mudança não é resistida. No entanto, eles podem reagir de forma diferente e irracional quando os bloqueios aparecem fora e dentro de si mesmos devido a um autoconhecimento incipiente. Consequentemente, a crise não se manifestará ou será inevitável neles ou, ao contrário, no momento de manifestar-se, esse esforço de superação deverá ser maior.

Parece ser necessário estabelecer um entendimento entre o mundo exterior que nos rodeia e nossa consciência. Max Scheler já tentou estabelecer um nexo e uma unidade ao considerar que o ser humano é determinado, já que "só o empenho da própria pessoa abre a possibilidade de 'conhecer' o ser através dele" ([1928]2003). Scheler, em seus escritos, estabelece um vínculo entre a consciência exterior e a consciência interior: "A consciência do mundo, a autoconsciência e consciência de Deus, formam uma unidade estrutural indestrutível". Entretanto, a consciência parece separada, estabelecendo o conceito de consciência em relação a outros elementos que determinam o ser humano.

Quais são esses elementos? A resposta dependerá da escola ou corrente que seguimos. Para o sociólogo Peter Berger ([1967] 1985), o processo dialético básico de uma sociedade é constituído de "três momentos ou passos": externalização, objetivação e internalização. Contudo, Berger esquece-se da essência pela qual um ser humano inicia o processo dialético, algo que será aprofundado por John Pierrakos.

III. Autoconsciência

O psicoterapeuta John Pierrakos, juntamente com Eva Pierrakos, criou o movimento de autoconhecimento Pathwork (conferências resumidas no *The Pathwork Guide Lectures*, Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, *Pathwork Foundation*, 2000). O movimento se define como um "caminho espiritual e desenvolvimento pessoal [...] para a transformação e a transcendência do ser", e é inspirado principalmente nos conceitos, ideias e pensamentos provenientes de três correntes. A primeira, da psicanálise e das ideias de "energia vital", de "criação da couraça", de determinado ser humano e dos conflitos de poder que se estabelecem nas relações sociais. Deriva da psicanálise de Wilhelm Reich e das ideias do psicoterapeuta Alexander Lowen e seus estudos de análise bioenergética, o qual propõe a terapia fundamentada no corpo-mente. Também foram influências as ideias provenientes do pós-estruturalismo e filosóficas de Jacques Lacan e a psicanálise de Gustav Carl Jung, a investigação do consciente e do inconsciente que impulsionam a ação humana e a capacidade de cada um para curar-se. A segunda e em menor medida, é a fenomenologia

transcendental de Edmund Husserl e Martin Heidegger, que apresenta a ideia da intencionalidade da consciência, na qual as experiências são entendidas como correlatos necessários de experiências, aceitando-se a existência de um ser superior que chamam de Deus. A terceira é o modelo no qual se encaixa o pensamento baseado em causa e efeito dentro de uma matriz de interconexão sistêmica entre diferentes esferas ou sistemas que compõem a existência humana.

Essas tendências e ideias da psicanálise dão um passo decisivo na definição desse processo como a combinação da tríade constituída pela relação harmoniosa entre o *movimento*, *consciência* e *experiência*. Esses determinam a vida e, portanto, também o nosso agir como cidadãos, servidores, técnicos e representantes políticos do município. Na prática profissional, esses três elementos são: a capacidade de tomar decisões e promover projetos de vida, a reflexão necessária para isso e a capacidade de estabelecer uma ligação entre os dois primeiros.

Esse processo é o *movimento*. O *movimento* acontece em todos os níveis: individual, social ou global, uma vez que uma sociedade sem movimento, ou seja, sem contradições, conflitos e busca de alternativas, está destinada a desaparecer. Com base nos escritos de Eva Pierrakos (Palestras n. 55, 1959; n. 126, 1964; n. 208, 1973; n. 183, 197?), o movimento constitui sua força motriz. A vida de um indivíduo está em constante movimento. Não me refiro ao movimento físico ou sociopolítico, mas a um movimento que realizamos na mente. Sem o movimento intelectual contínuo, a capacidade de racionalizar diminui. Este movimento inclui nossas decisões, para não permanecermos passivos frente aos desafios individuais e coletivos. Toda ação, seja ela individual ou coletiva, precisa de movimento: para afirmarmo-nos como cidadãos, para defendermo-nos das injustiças, para transformarmos as realidades e também nossas próprias vidas. Segundo as palestras citadas, um bloqueio no movimento, seja de natureza material, intelectual, emocional, ou no nível coletivo de falta de ideias inovadoras no município ou na cidade, o ser humano ou a instituição se torna manipulável e exposta a múltiplos pontos fracos que nos rodeiam. Para Pierrakos, a consequência disso são os vícios, dependências e enfermidades individuais, que no nível social coletivo se manifestam como

decisões improvisadas, práticas patrimonialistas ou despóticas, nepotismo e corrupção.

No plano intelectual, se o *movimento* for atrofiado, o intelecto perde vida, em outras palavras, ao não educar a mente para atuar, esta também perde a capacidade de racionalizar e de criar novas estruturas e modelos de gestão. O não estar aberto a novas visões de mundo e novas formas de pensar racionalmente e administrar o município acaba por causar uma perda da capacidade de compreender todos os fenômenos e as mudanças e a complexidade de uma realidade em constante mutação.

No entanto, o *movimento* por si só não consegue avançar nossa busca de conhecimento. Sem consciência, ele prejudicaria o movimento harmonioso de nossa personalidade e nossas habilidades de gestão. Não é suficiente dominar perfeitamente as teorias e técnicas de gestão administrativa e social; isso apenas nos transformaria em tecnocratas, que não sabem o que realmente têm em suas mãos. Jürgen Habermas chama este tipo de funcionários públicos e políticos locais acriticamente inseridos no sistema de "tecnocratas" que "colonizam o mundo da vida" (1981).

A *experiência* é o terceiro elemento que define o ser humano como um todo. É a síntese e o resultado harmonioso do *movimento* e da *consciência*, isto é, é a direção racional da ação ou a gestão do governo, a relação entre o político, o servidor e o cidadão, bem como a qualidade do atendimento e o *valor público* oferecido em sua ação de gestão ou atendimento. É um desejo de todo gestor político ou administrador, quando é consciente e possui uma estrutura racional sobre a estratégia adequada para obter o máximo benefício, eficiência e eficácia através de suas ações públicas.

A *experiência* é o elo entre a fase de diagnóstico, planejamento e tomada de decisões, a elaboração de conceitos que formam os planejamentos municipais e nosso próprio conhecimento de valores subjetivos, como são a experiência e as crenças; é a conclusão da gestão pública. Nessa fase, estabelece-se uma relação direta com políticos e gestores da população. A gestão e as políticas públicas no âmbito do município adquirem um papel decisivo no desenvolvimento. Com base nessa lógica, os modelos de gestão e de planejamento intuitivo ou improvisado devem dar lugar a outros que se baseiam no planejamento robusto, na gestão de resultados, na eficiência

e no treinamento de recursos humanos, tendo o ser humano como centro das políticas.

Finalmente, a energia ou “*força vital*”— ou seja, a combinação do método com a consciência — é imprescindível para formular quaisquer questões e perguntas que nos ajudem a aumentar nosso conhecimento da realidade. Esse exercício vai nos permitir a começar a compreender a realidade, como sujeitos, cidadãos ou representantes políticos do município. Vamos compreender a realidade material e as construções subjetivas — espirituais — e seus possíveis vínculos com a ação material e gerencial.

Referências

BERGER, P. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BLOCH, E. **O princípio esperança**. Tradução Nélio Schneider. Rio Janeiro: Contraponto, 2005.

BROWN, L. R. **Plan B 4.0: Mobilizing to Save Civilization**. New York: W. W. Norton, 2009.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. Minas Gerais (CRP-MG). **III**

Seminário Psicologia Social em Ação Hierarquias e a Cidade:

Práticas e Resistências. Disponível em:

<<http://www.crpmg.org.br/GeraConteudo.asp?materiaID=2532>> Acesso em: 20 outubro 2013

DIAMOND, J. **Collapse: How Societies Choose to Fail or Survive**. London: Allan Lane, 2005.

ECHANOVE, M.; SRIVASTAVA, R. **Reconocer la ciudad autogenerada** Disponível em: <<http://periferiasurbanas.org>> Acesso em: 8 maio 2013.

FOUCAULT, M. **El pensamiento del afuera**. Valencia: Pretextos, 1988.

FRANK, M. **Selbstbewußtsein und Selbsterkenntnis: Essays zur analytischen Philosophie der Subjektivität**. Stuttgart: Reclam, 1991.

GIDDENS, A. ***Un mundo desbocado. Efectos de la globalización en nuestras vidas.*** Madrid: Taurus, 2000.

HABERMAS, J. ***Legitimationsprobleme im Spätkapitalismus.*** Frankfurt a. Main: Suhrkamp, 1973.

HABERMAS, J. ***Theorie des Kommunikativen Handels.*** Vol, I – II, Frankfurt a. M: Suhrkamp, 1981.

LINCH, K. ***A imagem da cidade.*** Lisboa: Edições 70, 1999.

MATTHEWS, F. ***Quest for an American Sociology: Robert E. Park and the Chicago School.*** Montreal: McGill University Press, 1977.

MATURANA, H. ***Del ser al hacer.*** Buenos Aires: Granica, 2010.

MORIN, E. ***La via para el futuro de la humanidad.*** Barcelona: Paídos, 2011.

MOSCOVICI, S. ***A representação social da psicanálise.*** Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. ***"Santa María e o colapso da gestão urbana"***. Ano III, n. 472, 06/02/2013.

Disponível em: <<http://www.observatoriodasmetropoles.net/>> Acesso em: 6 fevereiro 2013

OFFE, C; KEANE, J. ***Contradictions of the Welfare State.*** Londres: Hutchinson, 1988.

PATHWORK FOUNDATION. ***Conferências de John e Eva Pierrakos, resumidos no The Pathwork Guide Lectures.*** Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Salvador, São Paulo (200?). Disponível em:

<<http://www.psicologia.com/path.htm>>. Acesso em: 22 maio, 2011.

PECORA, A. R.; SÁ, C. P. ***Memórias e representações sociais da cidade de Cuiabá, ao longo de três gerações.*** Psicol. Reflex. Crit. vol.21 no.2 Porto Alegre 2008. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000200018>> Acesso em: 2 março 2010

PIERRAKOS, J. **Energética da Essência**. São Paulo: Pensamento, 1990.

PIERRAKOS, E. B. **Contato com a força vital**. Instituto Pathwork Bahia. Palestra num. 126, 1964. The Pathwork Guide Lectures. Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Salvador, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.psikologia.com/path.htm>>. Acesso em: 22 maio, 2011.

PIERRAKOS, E. B. **O significado espiritual da crise**. Instituto Pathwork Bahia. Palestra num. 183, s.d. The Pathwork Guide Lectures. Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Salvador, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.psikologia.com/path.htm>>. Acesso em: 22 maio, 2011.

PIERRAKOS, E. B. **A capacidade inata do homem para criar**. Instituto Pathwork Bahia. Palestra num. 208, 1973. The Pathwork Guide Lectures. Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Salvador, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.psikologia.com/path.htm>>. Acesso em: 22 maio, 2011.

PIERRAKOS, E. B. **Três princípios cósmicos: expansão, contração, e estagnação**. Instituto Pathwork Bahia. Palestra num. 055, 1959. The Pathwork Guide Lectures. Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Salvador, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.psikologia.com/path.htm>>. Acesso em: 22 maio, 2011.

SCHELER, M. **O posto do homem no cosmos**. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

SLOTEDIJK, P. Entrevista em: **NZZ Online**, Nachrichten, 28 november 2008.

STOKOLS, D. **Instrumental and Spiritual Views of People-Environment Relations**. American Psychologist, 45 (5), 641-646, 1990.

TOURAINÉ, A. **La crisis dentro de la crisis**. Tribuna, 26 setiembre, 2010.